

## O IMPASSE EUROPEU

por Mário Soares

### 1. O Concílio Vaticano II

Passaram 50 anos desde o arranque do Concílio Vaticano II dado pelo Papa João XXIII, um grande humanista. Apesar de ser agnóstico, segui com o maior interesse esse acontecimento que transformou a Igreja católica e lhe deu uma enorme abertura ecuménica.

Em Portugal viveu-se o caso escandaloso do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, que foi obrigado ao exílio por Salazar e que tive a honra de conhecer em Roma e mais tarde, logo a seguir à minha deportação em São Tomé, visitei em Tormes (em Espanha, naquela cidade perto de Salamanca, onde foram dar, por engano, as malas do Jacinto da Cidade e as Serras).

Estávamos então, no início da primavera política, como lhe chamava Marcelo Caetano, que seria uma fraude total e nos custaria mais cinco anos de guerra, com as respectivas mortes (de ambos os lados) e estropiados. Mas o Bispo Ferreira Gomes seria pouco tempo depois autorizado a regressar do exílio, voltando ao seu magistério no Porto, onde o visitei várias vezes, depois do 25 de Abril, que mudou tudo.

Direi que o Concílio Vaticano II foi providencial para o movimento dos chamados católicos progressistas portugueses, que deram um contributo importante à luta contra o salazarismo (desde o tempo de Humberto Delgado) e depois durante o caetanismo.

Bento XVI disse, recentemente, que 50 anos depois o Concílio Vaticano II é ainda uma tarefa inacabada. É certo. Houve, como se sabe, recuos importantes como, por exemplo, a obrigação do celibato dos padres e a tentativa frustrada da igualdade entre homens e mulheres, em matéria religiosa, bem como as questões sociais e o desenvolvimento, que foi cortado, da chamada "Igreja dos Pobres".

Pelo contrário, o diálogo da Igreja com algumas outras religiões tem tido um progresso importante, desde o Concílio Vaticano II. Contudo, o Papa Bento XVI, há dias, declarou 2012-2013 como o "Ano da Fé" e afirmou ter rezado "em língua árabe". Uma novidade. A tensão religiosa que existe entre alguns islamistas e os cristãos em geral tem vindo a agravar-se, desde 2001 e o ataque da Al-Qaeda, para cá, como a visita difícil de Bento XVI ao Médio Oriente tornou evidente.

No entanto, a Igreja Católica de hoje está em crise. Um novo Concílio - que seria obviamente muito importante - não parece fácil de realizar. Dado vários escândalos, que tiveram lugar nos últimos tempos, desde os sacerdotes pedófilos às questões de dinheiro, que surgiram no Vaticano, bem como o caso que ali foi julgado há dias, talvez com excessiva benevolência, do mordomo do Papa que lhe roubou documentos, certamente para os vender...

Num Mundo em que as tensões religiosas abundam, um novo Concílio, seria de grande vantagem, para o desenvolvimento da paz e daria um novo impulso, tanto a fiéis como a leigos. Mas compreendo que seja difícil de realizar neste momento de grave crise financeira, económica, política e social em que nos encontramos e que, longe de vencida, está a generalizar-se perigosamente.

### 2. O prémio Nobel da paz

Confesso que me surpreendeu que o prémio Nobel da paz tenha sido atribuído à União Europeia. Porquê agora, quando a União Europeia atravessa a sua maior crise de sempre? Quando quase tudo tem funcionado mal, a começar pelos actuais dirigentes burocrato-institucionais?

São questões que ocorrem e nos confundem. Mas pensando melhor, talvez possamos admitir que a iniciativa tem sentido. Durante décadas a Comissão Económica Europeia trouxe ao velho Continente uma época de paz, de democracia e excepcional bem-estar, para os europeus, no seu

conjunto. É certo que não impediu, após a morte de Tito, que a Jugoslávia caísse numa inaceitável guerra civil. Mas sobreviveu bem ao colapso do universo comunista, à queda do muro de Berlim e, depois, à integração dos Estados de Leste na União Europeia e à unidade das duas Alemanhas. Quanto à Península Ibérica - Portugal e Espanha - permitiu que duas velhas ditaduras, uma vez reconquistada a democracia, entrassem, no mesmo dia, na CEE e aderissem também ao euro um tempo depois.

O euro foi uma excelente ideia que deu um grande impulso à União, embora nunca tivesse criado instituições financeiras (indispensáveis) para tornar o Banco Central Europeu capaz de fabricar a moeda única, independentemente da vontade dos Estados mais poderosos, como a Alemanha. A União criada para dar um impulso federal, nunca foi capaz de avançar nesse domínio, única forma de vencer a crise de que hoje somos vítimas.

As deficiências da União hoje estão à vista de todos. Se não formos capazes de as superar, caímos num abismo e incorremos numa tragédia de âmbito mundial.

Foi perante esse perigo - que urge evitar - que a Academia do Nobel resolveu dar um estímulo à União, com a intenção de fazer o grande projecto europeu avançar, para evitar uma catástrofe europeia e mundial. E nesse sentido compreende-se bem a intenção com que lhe foi atribuído o prémio da Paz. Oxalá resulte!

### 3. As próximas semanas serão decisivas

Há sinais de que a política europeia vai mudar. O Partido Socialista Europeu está a mudar e começa de novo a falar-se em democracia cristã e na doutrina social da Igreja (que faz falta). São bons sinais de mudança. O Banco Central Europeu quer salvar o euro. Mário Draghi deu-nos - em palavras - algumas esperanças. Mas ainda não actuou. Isto é, não venceu ainda o medo. A Comissão Europeia também não. Mas os europeus comuns estão a mudar, na sua generalidade. Perceberam que as políticas de austeridade levarão os Estados vítimas a um colossal desastre e que, por isso, é necessário - e urgente - mudar de política, para salvar os Estados da tirania dos mercados. A própria Chanceler Merkel, dadas as transformações da Oposição alemã - PSD e Verdes - abriu um pouco os olhos. E a lição da sua estadia na Grécia foi importante.

Sucedem-se as Cimeiras, mudam as palavras mas ainda não os actos. E são os actos que contam...

Será possível que os dirigentes europeus - paralisados e medrosos - deixem que a União se desagregue e o euro desapareça? Que tremenda responsabilidade lhes cairá em cima se assim não for! Mas os interesses materiais contam muito, para aqueles que só pensam no dinheiro e ignoram as pessoas...

### 4. A nossa Península vai mal

Não é só Portugal, cujo Governo nunca foi tão mau, desde a Revolução dos Cravos. Digo mesmo péssimo: porque está, conscientemente, a destruir o País! Sem sensibilidade, vergonha, completamente desorientado e sem, praticamente, comunicar com os portugueses. A Nação - digo bem, toda - está a manifestar-se contra o Governo. Todas as classes sociais, de norte a sul do País, o odeiam e reclamam que se demita!

Escrevi, recentemente, que o Governo actual está moribundo e totalmente desgastado. Porque não se demite? Creio que é por não saber para onde fugir. E assim vai ficando enquanto houver seguranças que o protejam...

A nossa vizinha Espanha vai também muito mal. Mas, mesmo assim, numa linha mais sensata. Ora o Povo espanhol é menos pacífico do que o português. Veremos como irá evoluir, com a Catalunha a reclamar a independência e o próprio Rei - antes tão popular - a perder bastante da sua popularidade... Isto quando, em termos europeus, Portugal e Espanha precisavam de ser capazes - invocando o prestígio do passado - de dar um murro na mesa europeia, reclamando em conjunto auxílio para acabar com a austeridade.

No entanto, quanto a Portugal, o Governo actual não sabe qual o caminho a seguir. Só tem uma ideia: destruir tudo o que é social e vender o património a qualquer preço para manter a política de austeridade, como manda a ideologia neo-liberal. Mesmo sabendo que a classe média está a ser destruída, o País empobrecido como nunca e até o Fundo Monetário Internacional dizer que é preciso reduzir a austeridade para lutar contra a recessão e diminuir o desemprego.

Todo o País está contra o Governo. Desde as Forças Armadas às Forças de Segurança (polícia e guarda republicana). Dos médicos e enfermeiros aos banqueiros, dos grandes e médios empresários, falidos ou em vésperas disso, dos professores aos engenheiros, dos farmacêuticos às Universidades e às Escolas, dos lavradores aos operários e aos pescadores, dos artistas aos jornalistas e às mulheres e homens de cultura, aos proprietários que perderam a casa, aos pensionistas que viram diminuir as suas pensões, para as quais descontaram... Só escapam os oportunistas e a falange dos assessores que trabalham para o Governo e os negociistas sem escrúpulos que vivem à sua sombra.

Como pode o Governo manter-se, contra um país, todo, a chamar aos ministros gatunos?

Ainda não conheço o resultado do Orçamento do Estado para 2013. Ao que disseram, foi apresentado ontem na Assembleia da República depois de inúmeros cortes, recuos, avanços, críticas certeiras dos parceiros sociais e as indignações que provocou na própria Coligação governamental e no interior dos próprios Partidos do Governo, sem falar sequer das Oposições... Para além da hipótese presente de uma nova inconstitucionalidade do Tribunal Constitucional. O que espera o Governo para se demitir? Eis a questão... Que os desempregados e os desesperados, comecem a cometer actos de violência?

#### 5. A vitória socialista nos Açores

Foi, pode dizer-se, uma vitória histórica do PS, as eleições ocorridas no Domingo passado nos Açores. Ao contrário do que a comunicação social previa, o PS - e o seu actual líder Vasco Cordeiro - conseguiram a maioria absoluta sobre todos os outros Partidos: PSD, CDS, PCP e BE. Foi uma campanha muito interessante, influenciada pelo estado de espírito da Nação, totalmente contrário ao Governo Central.

A Candidata do PSD bem quis afastar-se do Governo. O Primeiro-Ministro foi o único líder partidário a não ir aos Açores. Mas não serviu para nada. o CDS que tanto se empenhou na campanha também teve um resultado deplorável. Portas, como eu disse num artigo passado, está a pagar um preço elevadíssimo por continuar a ser ministro.

Devo felicitar também o antigo presidente do PS Açores, Carlos César, que dirigiu com sabedoria e grande dignidade o Governo dos Açores, nos últimos 16 anos. Foi com grande inteligência e sentido de oportunidade, que passou a pasta e escolheu o seu sucessor. Uma excelente escolha. Deve agora pensar no seu futuro porque é muito jovem para abandonar a política. O PS deve-lhe muito e precisa dele. Aceitem - os dois, Presidente cessante e actual - um grande abraço colectivo e os meus parabéns!

#### 6. Faleceu Aquilino Ribeiro Machado

Num momento de tão grande crise nacional, foi para mim uma notícia inesperada e uma enorme tristeza. Mais velho do que Ele, fui seu amigo, desde os tempos da Universidade. Ele em Engenharia e eu em Letras e em Direito. Fizemos parte das mesmas tertúlias literárias e das conspirações anti-fascistas.

Filho do grande Aquilino Ribeiro, que tanto admirei e conheci bem, na tertúlia da Bertrand do Chiado, era neto do Presidente da República, Bernardino Machado, que foi destituído por duas vezes: por Sidónio Pais e pela revolta de 28 de Maio de 1926. Um presidente excepcional, um académico e um estadista de invulgar categoria.

Com esta genealogia, Aquilino Ribeiro Machado foi sempre um homem modesto, de fortes convicções anti-fascistas e socialistas, de grande cultura e que, apesar de engenheiro, tinha ainda o mérito de escrever muito bem, no mesmo estilo do Pai. Depois do 25 de Abril foi o primeiro Presidente da Câmara de Lisboa eleito. Um homem probo, respeitado pelos seus amigos, entre os

quais sempre me contei, e mesmo por bastantes dos seus adversários. Nos momentos tristes e eufóricos, antes e depois da Revolução dos Cravos.

Lisboa, 16 de Outubro de 2012